

“Algo bom em excesso”: controvérsias científicas e moralidades nas representações da gordura corporal¹

Beatriz Klimeck Gouvêa Gama (IMS-UERJ/RJ)

Rogério Lopes Azize (IMS-UERJ/RJ)

Resumo: A partir de hipóteses científicas em circulação nos últimos vinte anos, a gordura corporal teve seu papel deslocado entre as funções do corpo humano, passando a ser compreendida enquanto fundamental órgão metabólico de proteção e regulação. Em uma sociedade considerada lipofóbica, que rejeita e oprime corpos gordos, as representações negativas da gordura extrapolam o âmbito da Medicina, mas também se alimentam de sua ampla validação. O discurso biomédico que associa o corpo magro (ou emagrecido) à saúde reforça e fornece embasamento para a estigmatização de pessoas gordas, mas também produz conhecimento sobre esses corpos a partir dos preconceitos da sociedade. Através de livros acadêmicos utilizados no ciclo básico de cursos de graduação em Medicina, o presente trabalho busca compreender controvérsias técnico-científicas, agenciamentos pressupostos, metáforas e metonímias médicas mobilizadas em torno da gordura corporal, cujo estatuto varia entre o excesso e a falta.

Palavras-chave: gordura, controvérsias científicas, metáforas médicas

-

Introdução

Se o corpo guarda sempre relação com o sistema simbólico mais amplo, o mesmo vale para suas partes. Como afirmou Le Breton (1995, p. 55-56), com atenção especial para uma certa cultura biomédica, “não há inocência dos órgãos no imaginário ocidental”, no qual muitas vezes as partes falam pelo todo e possuem uma identidade singular. Algumas partes do corpo, no entanto, são mais controversas que outras; nos parece que a gordura corporal ocupa hoje um lugar de destaque, ao mesmo tempo central e marginal no debate público sobre saúde.

A medição do Índice de Massa Corporal (IMC) parece capaz de informar, segundo critérios biomédicos, sobre uma condição de saúde ou doença, assim como a medição da circunferência abdominal. Através da última, método considerado mais acurado para diagnosticar “obesidade”, tenta-se quantificar, calcular e “pesar” a quantidade de gordura corporal localizada ao redor do abdômen dos sujeitos. As aspas

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

em alguns termos aqui não são gratuitas – querem marcar uma perspectiva, uma distância crítica da utilização do termo.

O diagnóstico de “obesidade” não cria somente um título de doente, pois outras doenças (como Diabetes mellitus tipo 2) podem ser interpretadas como “causadas” por “maus hábitos”, mas não inferem necessariamente sobre o sujeito em outros circuitos de sociabilidade. Para muitos, a quantidade de gordura em um corpo informa também sobre o caráter do indivíduo que a possui em si, em um jogo de estigma e preconceito. A naturalidade em usar a expressão “em si” na frase anterior informa, acredito, sobre uma noção de subjetividade que *está dentro* dos corpos, e não *é* também esses corpos. Ao mesmo tempo, a sociabilidade das existências no espaço público é informada a partir da materialidade dessas; mulheres, negros, gordos, homossexuais, transexuais tem seus corpos negativamente marcados.

A partir de uma noção individualista e neoliberal (LUPTON, 2018, p. 34), os corpos são vistos como totalmente moldáveis a partir de uma pretensa liberdade de escolha. Nessa ideia, muito se fala que há um corpo magro dentro de um corpo gordo, pronto para ser visto assim que aquele sujeito “tomar as rédeas” de sua vida e perder peso. Esse entendimento desumaniza tais corpos, cuja existência é apresentada não apenas como desleixo ou preguiça, mas principalmente como uma incapacidade de se autogovernar, valor que se tornou extremamente relevante.

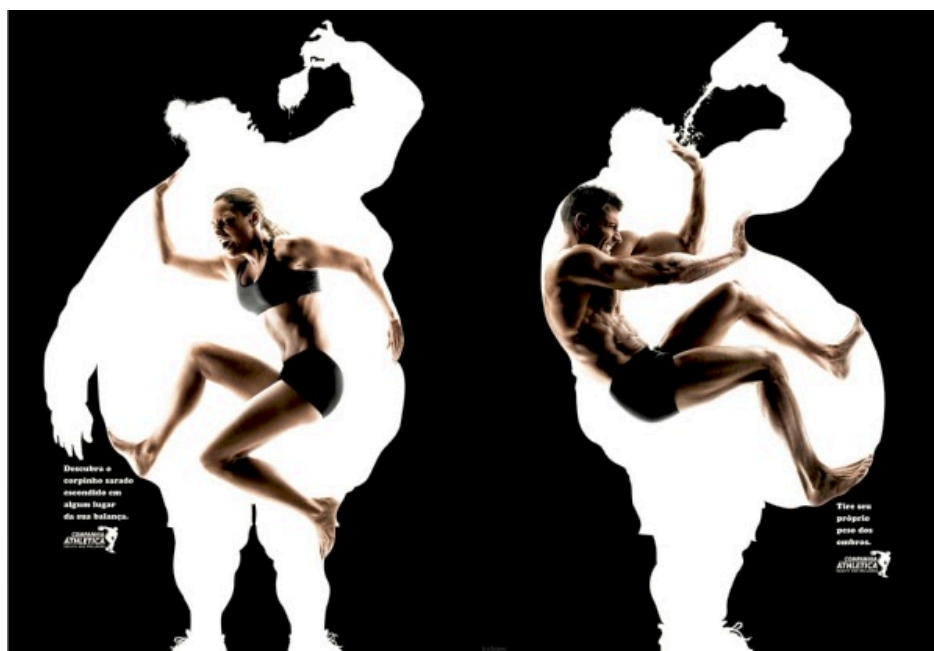


Figura 1 – Propaganda da academia de ginástica “Companhia Atlética” em 2007, com os dizeres “Descubra o corpinho sarado escondido em algum lugar da sua balança” e “Tire seu próprio peso dos ombros”.

A figura 1 cristaliza esse valor em uma mensagem publicitária: o corpo gordo seria uma prisão a qual os sujeitos devem resistir, contra a qual devem se rebelar, um segundo limite da pele. O “verdadeiro eu” aprisionado dentro deles, claro, é magro.

Nessa apresentação, propomos reflexões sobre algumas das metáforas médicas e moralidades que podem ser percebidas a partir da leitura de trechos de duas edições do livro-texto “Corpo humano: fundamentos de anatomia e fisiologia”, de Gerard J. Tortora e Bryan Derrickson. Considerado importante referência, o livro está hoje em sua décima edição traduzida para o português e é utilizado na formação de médicos durante a graduação em Medicina.

A partir dos conhecimentos produzidos pelo campo dos “fat studies” (“estudos sobre a pessoa gorda”, em tradução livre”), não utilizamos os termos “obeso”, “obesidade”, “sobrepeso” ou “acima do peso” sem posicionar-nos criticamente em relação a eles, pois são categorias biomédicas (MEADOWS e DANÍELSDÓTTIR, 2016). A opção por “gordo/a” não é ideal, mas aqui optamos por utilizá-la como uma reapropriação do que seria o xingamento (espelhada nos usos de “queer” por homossexuais ou “puta” por trabalhadoras sexuais).

Entendimentos da gordura

Como ponto de partida dessa pesquisa, acreditamos que seja importante frisar que as “evidências científicas” em torno da ideia de que mais gordura corporal significa menos saúde são controversas.

Segundo Coelho, Oliveira e Fernandes (2013), o interesse em torno das funções da gordura corporal aumentou nas últimas décadas. Entendida por muito tempo como um tecido inerte, a gordura hoje recebe o status de órgão endócrino, responsável pela regulação e sintetização de diversos hormônios (2013, p. 191). A importância da gordura para a manutenção do metabolismo promoveu uma positividade de sua existência nos corpos.

Enxergar a gordura corporal como um órgão vital (TRAYHURN e BEATTIE, 2001) não é banal ou inócuo. Nossa sociedade nos ensina a odiá-la e não para de inventar métodos para que retiremos aquela localizada principalmente no abdômen, nas

pernas e nos braços, como cirurgia bariátrica, lipoaspiração e criolipólise (técnica que consiste no congelamento de células de gordura para serem posteriormente eliminadas pelo corpo), além de constantes novidades medicamentosas.

Uma das principais controvérsias científicas relacionadas à gordura corporal é o chamado “paradoxo da obesidade”, uma hipótese que contraria a lógica de uma “epidemia/pandemia da obesidade” como sendo um dos mais graves males do século XXI. Em estudos que apontam para essa direção – como Hainer e Aldhoon-Hainerová (2013) e Fonarow et al. (2007) – os resultados sugerem que gráficos de mortalidade para algumas doenças crônicas e principalmente cardiovasculares teriam um formato de U quando relacionadas com o IMC desses pesquisados: aqueles categorizados como “com sobrepeso” (25 a 29,9²) teriam menos riscos cardiovasculares do que o valor do IMC considerado “normal” (18,6 a 24,9), e ainda menos daqueles considerados “abaixo do peso” (menor que 18,5). Tais estudos também apontam que pessoas consideradas obesas teriam os riscos de mortalidade diminuídos em relação àqueles com menos peso corporal.

Além disso, ativistas gordos e autores e autoras do campo dos fat studies propõem, majoritariamente, a humanização do corpo que é considerado “com excesso de gordura corporal” no que tange questões de acessibilidade em espaços públicos e também uma prática biomédica menos lipofóbica. Segundo Lee e Pausé (2016), o estigma enfrentado por pessoas gordas nos consultórios e clínicas médicas afasta-as desses espaços, o que leva a realização de menos exames de rotina e possibilita o agravamento de condições de saúde que poderiam ser revertidas. Pesquisas afirmam que mulheres obesas teriam taxas de mortalidade mais altas para câncer de mama e cervical, mas análises mostraram que esses dados se explicavam pelas barreiras ao acesso (desde macas apropriadas até violências verbais) aos exames ginecológicos e não por questões fisiológicas (WEE et al, 2000).

Lupton aponta que uma pretensa “ciência da dieta”, a lógica por trás do cálculo de calorias ingeridas na alimentação e consumidas na prática de atividade física que seria capaz de emagrecer os corpos, é influenciada pela ideia de corpos como máquinas (2018, p. 49). Emily Martin (2006), ao compreender processos do corpo da mulher [ciscígena] como menstruação, parto e menopausa, atenta exatamente para as metáforas

² Dados da Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica de 2018.

maquínicas e também econômicas utilizadas presentes nos textos que pretendem explicar o funcionamento dos corpos.

O que quero mostrar é como esse conjunto de metáforas, uma vez escolhido como base para descrever eventos fisiológicos, tem implicações profundas na maneira pela qual uma mudança na organização básica do sistema é percebida. (MARTIN, 2006, p. 87)

“Adiposidade excessiva”

A primeira edição de “Corpo humano: fundamentos de anatomia e fisiologia” data de 1975. Tive acesso a versões digitais das duas últimas edições traduzidas para o português, a oitava e a décima, através de uma amiga querida que é graduanda em Medicina. Curiosamente, boa parte das questões que trago aqui não constam na décima edição, portanto, quando não mencionado, estaremos analisando a oitava.

Os capítulos da oitava edição contam com uma folha inicial, em tom de laranja, onde constam os títulos em verde no canto superior direito. O início do capítulo 4, denominado “Os tecidos”, segue tal estrutura (p. 74). Nessa página, há um parágrafo de texto, denominado “Você sabia?”, sobre pessoas consideradas leigas afirmarem que não pretendem realizar exercícios de musculação, pois o tecido muscular se transformaria em tecido adiposo com o passar dos anos. Ao final, apresenta que a informação não procede, e indica a leitura de uma seção de outra página, denominada “Foco no Bem-Estar: Adiposidade excessiva – algo bom em *demasia*”.

Essa seção, que na página 94 leva o título de “Adiposidade excessiva – algo bom em *excesso*” (expressão que inspirou o título deste paper), merece ser analisada com mais cuidado.

“Algo bom em excesso”, como título da seção, mostra que existe uma visão positiva do tecido adiposo, mas que também é preciso que esteja presente em uma quantidade “adequada” – talvez em alusão à sabedoria popular de que “tudo em excesso faz mal”. No primeiro parágrafo, apresenta-se as “qualidades” do tecido adiposo, sem apontar que este teria passado a ser considerado um órgão; ainda assim, atentemos para o uso do termo “vital”, que já sugere esta ideia.

Em seguida, o trecho cujo título é "Adiposidade excessiva: gordura demais" apresenta que a gordura corporal se torna “algo bom em excesso quando leva a

problemas de saúde” com uma proposta de que, “no geral”, mais peso significa diretamente mais risco. No entanto, a última frase do trecho posiciona a gordura corporal como um dentre vários fatores que desencadeiam tais problemas de saúde.

O texto então segue apontando “poréns”. Ao mencionar suposto risco de aumento de peso (nesse caso, sendo sinônimo de aumento da quantidade de gordura corporal) de acordo com cada histórico familiar, aponta também que profissionais indicam um ganho de peso de 4 a 7 quilos para pessoas acima de 70 anos como forma de proteção. Mesmo sendo o texto construído dessa forma, a redação continua utilizando “excesso de gordura corporal” sem quaisquer aspas, de maneira a afirmar que exista, de fato, um excesso problemático.

Se a escrita se pretendia neutra, expondo diferentes “lados”, o título do último parágrafo da seção denuncia as moralidades em torno do corpo que possuiria tal “excesso” de gordura. “Cuidado com os pecados mortais: a gula e a preguiça” é algo além de um título chamativo: poucas coisas são mais moralistas do que se remeter aos pecados capitais cristãos. Weinberg, Cordás e Munoz (2005) apontam para relação entre a transformação da gula em pecado e os jejuns religiosos que levaram às primeiras mortes documentadas por jejum auto-imposto. Esse momento histórico é conhecido hoje como a era da “Anorexia Santa” (“Holy Anorexia”), como cunhado por Rudolf Bell (1985).

Tal parágrafo final, no entanto, se inicia com a afirmação de que aqueles com “excesso moderado de gordura corporal”, que cultivam hábitos saudáveis, têm riscos similares àqueles que são mais magros. Essa frase, não apresentada como uma hipótese nem sugestão e sim como algo consolidado, por si só, questiona toda a narrativa construída através da idéia de que a gordura corporal em excesso é sempre problemática. Outros pesquisadores afirmam que, na verdade, o ganho de peso não é causa, mas sim consequência de comportamentos como sedentarismo e má alimentação (LUPTON, 2018, p. 17). O texto se encerra com a sugestão de que *o mal* (palavra nossa) talvez esteja mais nos hábitos que na presença ou ausência de tecido adiposo. Ao final do quadro, uma pergunta é posta, levando ao entendimento de que o dado isolado do peso corporal não seria bom preditor de riscos.

Tal seção some por completo na décima edição do livro, sem mais referências diretas às controvérsias em torno da gordura corporal.

As células “preguiçosas”

O capítulo 13, chamado “As Glândulas Endócrinas”, respeita o mesmo layout da primeira página apresentada anteriormente. O trecho introduzido como “Você sabia?” apresenta o diabetes mellitus tipo 2, e acreditamos que seja possível enxergar metáforas nos verbos utilizados, assim como elucida a antropóloga Emily Martin em relação ao óvulo e ao espermatozóide (1991). Martin mostra que o uso dos verbos que indicam ação ou passividade está diretamente relacionado ao entendimento dos papéis feminino e masculino em nossa sociedade.

O diabetes mellitus tipo 2 é introduzido da seguinte forma (TORTORA, DERRICKSON, 2002, p. 328):

O alto nível de açúcar no sangue observado no diabetes melito tipo 2 se deve à *incapacidade* do corpo de *responder* ao hormônio insulina. Os pesquisadores não sabem exatamente por que as células se tornam “*preguiçosas*” em suas respostas à insulina, mas sabem que a obesidade e um estilo de vida sedentário aumentam o risco de que uma pessoa desenvolva essa doença. [grifos nossos em itálico]

O uso do termo “preguiçosas”, entre aspas, não nos parece inocente. Embaixo do parágrafo, indica também a leitura da seção “Foco no Bem-Estar”, em outra página, ao lado da foto de um menino gordo comendo em um sofá, assistindo à televisão. A imagem se repetirá na página indicada. Como já exemplificado, a associação de “excesso de gordura corporal” com preguiça é comum, e tendemos a crer que o uso (talvez até escrito como um paralelo “cômico”, quem sabe?) da personificação das células como preguiçosas se dá por uma moralidade da associação do diabetes tipo 2 com “obesidade” e sedentarismo. O mesmo “pecado capital” do capítulo analisado anteriormente é aqui utilizado para descrever a ação da célula.

Martin, ao se debruçar sobre as metáforas utilizadas para explicar a menopausa, também atenta para a utilização dos adjetivos e verbos:

Qual é a linguagem empregada na descrição da menopausa? Na menopausa, segundo um compêndio universitário, os ovários tornam-se “insensíveis” ao estímulo das gonadotropinas, aos quais costumavam reagir. Consequentemente, os ovários “regridem”. Na outra extremidade do ciclo, o hipotálamo ficou “viciado” em estrogênio após todos aqueles anos de menstruação. Como resultado da “retirada” do estrogênio na menopausa, o hipotálamo começa a dar “ordens” inapropriadas. (MARTIN, 2006, p. 87)

Como argumenta Martin, “a metáfora sobre sinal/resposta é encontrada quase que universalmente nos textos universitários iniciantes e avançados para estudantes de medicina em uso hoje” (2006, p. 84). A autora aponta que existe, dessa forma, um “sistema de autoridade” apontando para uma hierarquia entre o que exerceria o estímulo e o que o receberia. Ao narrar uma suposta incapacidade de resposta das células à insulina, o livro-texto que analisamos repete a mesma metáfora dos ovários tornando-se “insensíveis” apresentada por Martin.

Em outra seção da página, à direita, um curto parágrafo exemplifica o sistema endócrino através da puberdade de meninas e meninos. Ao citar a atuação dos estrógenos nas meninas, afirma que esses “promovem o acúmulo de tecido adiposo nos seios e nos quadris, esculpindo uma forma feminina” (p. 328), o que reforça a ideia de que tecido adiposo deve estar nos “lugares certos”, como nos quadris e nos seios femininos, transformando corpos pré-púberes. O uso do verbo “esculpindo” também pode ser visto como uma referência a esculturas, em uma alusão às “curvas femininas” tão representadas e admiradas em obras de arte.

Assim como no capítulo 4, o trecho relacionado ao diabetes tipo 2 some na décima edição, sendo mantida apenas a seção sobre puberdade.

Considerações finais

Quando a ciência trata a pessoa como máquina e pressupõe que o corpo pode ser consertado por meio de manipulações mecânicas, ela ignora, e nos incentiva a ignorar, outros aspectos do nosso eu, como nossas emoções e nossas relações com as outras pessoas. (MARTIN, 2006, p. 58)

O presente trabalho buscou apresentar como controvérsias técnico-científicas em torno da gordura corporal são retratadas em livros-texto de fisiologia e anatomia, e como as imagens impressas e imaginárias apresentadas projetam certas moralidades da sociedade em relação ao papel da gordura nos corpos. Ainda que o livro analisado proponha-se a descrever processos ditos “biológicos”, personificações e moralidades podem ser vistas em tais descrições.

A autora Vivienne Gerritsen não esconde a empolgação ao fim de seu artigo onde explica minuciosamente o funcionamento celular da gordura corporal como órgão: “But despite all this, is it not encouraging to be told that fat is wonderful?” (2001, p. 2). Tendemos a concordar que existe algo nessas “descobertas” que pode, de fato, gerar algo positivo. Ao mesmo tempo, acreditamos que precisamos nos atentar: compreender uma positivação da gordura a partir da validação científica de uma “utilidade” é, também, legitimar a importância do discurso biomédico e científico acima da urgente necessidade da afirmação da humanidade de pessoas gordas.

Referências:

BELL, Rudolph M. **Holy anorexia**. University of Chicago Press, 2014.

COELHO, Marisa; OLIVEIRA, Teresa; FERNANDES, Ruben. Biochemistry of adipose tissue: an endocrine organ. **Archives of Medical Science**, v. 9, n. 2, p. 191-200, 2013.

FONAROW, Gregg C. et al. An obesity paradox in acute heart failure: analysis of body mass index and inhospital mortality for 108 927 patients in the Acute Decompensated Heart Failure National Registry. **American heart journal**, v. 153, n. 1, p. 74-81, 2007.

GERRITSEN, Vivienne Baillie. **Fat, wonderful fat**. 2001.

HAINER, Vojtech., & Aldhoon-Hainerová, Irena. Obesity paradox does exist. **Diabetes care**, n. 36 *Suppl 2*(Suppl 2), S276-81.

MARTIN, Emily. **A mulher no corpo: uma análise cultural da reprodução**. Editora Garamond, 2006.

_____. The egg and the sperm: How science has constructed a romance based on stereotypical male-female roles. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, v. 16, n. 3, p. 485-501, 1991.

LE BRETON, David. A síndrome de Frankenstein. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. (Org.) **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 49-67.

LUPTON, Deborah. **Fat**. Routledge, 2018.

MACKERT, Nina. Writing the History of Fat Agency. **Body Politics: Zeitschrift für Körpergeschichte**, v. 3, n. 5, p. 13-24.

MEADOWS, Angela; DANÍELSDÓTTIR, Sigrún. What's in a word? On weight stigma and terminology. **Frontiers in psychology**, v. 7, p. 1527, 2016.

SAGUY, Abigail C. **What's wrong with fat?**. Oxford University Press, 2012.

TORTORA, Gerard J.; DERRICKSON, Bryan. **Corpo Humano: fundamentos de anatomia e fisiologia**. 8 ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2012.

_____. **Corpo Humano: Fundamentos de Anatomia e Fisiologia**. 10 ed. Artmed Editora, 2016.

TRAYHURN, Paul; BEATTIE, John H. Physiological role of adipose tissue: white adipose tissue as an endocrine and secretory organ. **Proceedings of the Nutrition Society**, v. 60, n. 3, p. 329-339, 2001.

WEE, Christina C.; MCCARTHY, Ellen P.; DAVIS, Roger B.; PHILLIPS, Russell S. "Screening for Cervical and Breast Cancer: Is Obesity an Unrecognized Barrier to Preventive Care?" **Annals of Internal Medicine**, v. 132, no. 9, p. 697-704, 2000.

WEINBERG, Cybelle; CORDÁS, Táki Athanássios; MUNOZ, Patricia Albornoz. Santa Rosa de Lima: uma santa anoréxica na América Latina?. **Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul**, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 51-56, Apr. 2005.